

**josé paiva**

Nasci na cidade do Porto, em maio de 1950. Tornei-me professor, investigador, artista plástico, sendo doutor em Pintura pela Universidade do Porto. A Universidade do Porto, com a minha jubilação da Faculdade de Belas Artes (2020), presenteou-me com o título de Professor Emérito da Universidade do Porto.

Tenho apresentado, desde 1983, os meus trabalhos em Exposições Individuais, no país e no estrangeiro: Museu da Pesca, Tarragal de São Nicolau, Cabo Verde (2022), Galeria Acert, Tondela, Portugal (2021), Alternativa, Galeria, Mindelo, Cabo Verde (2020), Nossa Casa, na Boa Vista, Recife, Brasil (2020), Museu do Trem, Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco – Recife, Brasil (2019), Galeria Novo Ciclo ACERT, Tondela, Portugal (2006), Serpente, Galeria de Arte Contemporânea – Porto, Portugal (2005), Casa da Cultura da Trofa, Portugal (2004), Galeria Novo Ciclo ACERT, Tondela, Portugal (2020), Centro Cultural Português, Maputo, Moçambique (1999), Galeria do Convento de S. Francisco, Coimbra, Portugal (1995), Ária – Espaço Cultural, Recife, Brasil (1993), Museu de Arte Assis Chateaubriand, Campina Grande, Brasil (1993), Bule Bule – S. João da Madeira, Portugal (1993), Galeria ACERT, Tondela (1992), Gesto Cooperativa Cultural, Porto (1992), Bule Bule – S. João da Madeira, Portugal (1990), Feitoria, S. João da Madeira, Portugal (1990), Galeria Etnia, Caminha, Portugal (1989), Festas da Mata, Tondela, Portugal (1989), Árvore, Porto, Portugal (1989), Árvore, Porto, Portugal (1986), Galeria do Cinema S. Mateus, Viseu, Portugal (1985), Museu Municipal de Celorico de Basto, Portugal (1984), Galeria Nova Opinião, Lisboa, Portugal (1984), O Realejo, Porto, Portugal (1983).

Estou representado por minhas obras em algumas instituições no país e no estrangeiro: [Brasil] — Museu de Artes Assis Chateaubriand – FURNE, Campina Grande; Fundação Joaquim Nabuco, Recife. [Moçambique] — Instituto Camões, Maputo. [Cabo Verde] — Atelier Mar, Mindelo. [Portugal] — Campo Arqueológico de Mértola; Museu da FBAUP; Reitoria da Universidade do Porto.

Com regularidade tenho participado (muitas vezes como seu organizador) em inúmeras exposições colectivas no país e no estrangeiro: Brasil, Cabo Verde, Espanha, França, Moçambique, Países Baixos, Portugal e São Tomé e Príncipe.

Desenvolvo atividade regular de investigação na área da Arte, Educação Artística e Interculturalidade, como Investigador Integrado no Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (i2ADS), sendo membro da sua Direcção e do seu Conselho Científico.

A minha dedicação a práticas colaborativas, na área da arte e da cultura, moveram a minha vida para a constituição da GESTO Cooperativa Cultural (1987—2013), desenvolvendo a partir daí o “IDENTIDADES\_ movimento intercultural”, hoje sediado na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, centrado na cumplicidade com escolas, instituições culturais, instituições comunitárias e artistas no Brasil, Cabo Verde, Moçambique e S. Tomé e Príncipe.

## se tivesse tempo

poderia usufruir do silêncio diluído no prazer que comporta quem desenha,  
ignorando o que há-de vir, gravando  
em plena e ignorada lentidão  
sobre o papel, as possibilidades adquiridas de criar materialidade

poderia  
se isso fosse possível, ausentar-me do estrondo que o peso do  
tempo presente descarrega sobre nossos corpos, afastando a  
intranquilidade persistente que molda a poética perseguida  
que anula o tempo e o silêncio

— se eu tivesse tempo  
seria pleno companheiro dos que são afastados do uso do seu tempo  
e são mergulhados na barafunda que lhes é destinada  
transformados em  
sem\_nome, sem\_rosto, sem\_casa

— esbateria a incompletude do que sou, superava o desconsolidado,  
refreando a perturbação que tolhe o que faço  
no desenho e no de\_mais  
proporcionava no ver o detalhe que ofereço  
o que lhe escapa  
como se estimulando cumplicidade com um outro tempo onde a árvore volta  
a nascer

em Gaza e no que sobra da desumanidade



# se tivesse tempo

desenho  
e de\_mais

josé  
paiva  
2026

MUSEU DO DOURO

REPÚBLICA  
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE  
E DESPORTO

“Vamos fazer nascer árvores em Gaza”, poderia muito bem ser o título desta exposição do artista polivalente, humanista, pensador, embaixador da arte nas comunidades de língua portuguesa, ativista dos direitos à dignidade, inconformado com o sofrimento dos que não têm voz.

Para além do reconhecimento do artista, cuja ligação a esta Instituição existe desde 2002, o Museu do Douro, ao acolher esta exposição, quer também homenagear e divulgar o trabalho singular de José Paiva, criando simultaneamente novas possibilidades de interpretação da sua arte.

Queremos salientar a sua participação ativa em vários projetos, dos quais se destacam as Comemorações dos 250 anos da RDD e o processo de doação ao Museu de obras significativas da pintora Armanda Passos, o que culminou na abertura de um espaço em seu nome. Destacamos ainda a sua carreira de investigador, professor na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, no Instituto de Investigação em Arte e Design e Sociedade (mi2ADS), na GESTO cooperativa cultural e na ACERT, como figura proeminente da arte contemporânea portuguesa.

Árvores e arbustos, figuras representadas em traços que se sobrepõem, num emaranhado de negro e sépia confronta-nos com a inquietude numa espécie de exegese que explica a perturbação dentro dela própria. O desenho revela-se nestes trabalhos, apaziguador, quase meditativo, como se cada caneta de tinta vazia fosse um elixir ou bálsamo.

Fernando Seara
Diretor do Museu do Douro

Exposição no Museu do Douro
entre 23 de março e 22 de junho de 2026
Coord. Geral: Fernando Seara
Coord. Executiva: Natália Favvrelle
Montagem. Serviços de Museologia

**Os erres das árvores**

**Notas sobre Resistência e Revolta**

O poema da poeta palestino/americana Noor Hindi, intitulado “Fuck Your Lecture on Craft, My People Are Dying”, declara de forma muito clara a sua rejeição relativamente à ideia de uma arte afasta-da da realidade. De uma arte anestesiada... adormecida. Logo no início do seu poema, escreve o seguinte verso: “Colonizers write about flowers,” para, depois, em forma de resposta, escrever na segunda linha do poema: “I tell you about children throwing rocks at Israeli tanks seconds before becoming daisies”. Finaliza o poema com as palavras: “One day, I’ll write about the flowers like we own them.” <sup>1</sup>

Nos dias que correm, muita da arte que se vê em exposições, um pouco por todo o lado, sofre desse síndrome. Encontra-se numa espécie de limbo de superioridade: preocupa-se com o planeta e a natureza, deixando de fora a realidade. No final de um texto em que critica de forma muito clara as noções políticas de Bruno Latour tão apreciadas pela arte, o filósofo inglês Peter Osborne termina com a seguinte frase que não deixa dúvidas: “O político é uma modalidade do social, que é em si mesmo sempre um conjunto socio-natural e socio-histórico de relações, processos e práticas. O problema é prático”. <sup>2</sup>

Não se pode negar a importância da defesa do planeta e da natureza, mas há crianças a atirar pedras a tanques segundos antes de serem mortas. Como poderemos olhar para o lado perante tal realidade?

O José Paiva há muito tempo que desenha árvores. Poderia, quase naturalmente, ser envolvido nesse grupo e, contudo, as suas árvores são diferentes. Necessitam de ser diferentes para valer a

1. “Quero lá saber da tua palestra sobre arte e artesanato, o meu povo está a morrer”

Os colonizadores escrevem sobre flores.

Eu conto-lhe sobre crianças a atirar pedras a tanques israelitas segundos antes de se tornarem margaridas.

Quero ser como aqueles poetas que se preocupam com a lua.

Os palestinianos não vêem a lua das celas das prisões.

A lua é tão bonita.

As flores são tão bonitas.

Eu colho flores para o meu pai morto quando estou triste.

Ele assiste à Al Jazeera o dia todo.

Gostaria que a Jessica parasse de me enviar mensagens a desejar um Feliz Ramadão.

Sei que sou americana porque, quando entro numa sala, algo morre.

Metáforas sobre a morte são para poetas que acham que os fantasmas se importam com o som.

Quando eu morrer, prometo assombrar-te para sempre.

Um dia, escreverei sobre as flores como se fossem nossas.

2. For the political is a modality of the social, which is itself always already a socio-natural as well as a socio-historical set of relations, processes and practices. The problem is a practical one.

pena desenhá-las. As árvores que desenha aproximam-se, isso sim, da importante última linha do poema de Noor Hindi “Um dia, escreverei sobre as flores como se fossem nossas.”

As suas árvores não são neutrais, mas não querem introduzir-se no binário ético da moralidade das boas ou más açções. As suas árvores são absolutamente amorais. São gestos desejantes. Utopias, tal como o último verso da poeta palestinianiana.

Por isso, as suas árvores são processos minuciosos de temporalidades outras e que, no entanto, tudo tentam, para que um dia sejam nossas.

As obras dos artistas constituem-se numa duplicidade que se funde na materialidade que exalam: importa o que dizem e, também, o como dizem. Quer dizer, o trabalho demorado e detalhado dos desenhos aqui mostrados revela uma relação com a hipervelocidade contemporânea que lhe é exterior. A sua realização demorada é, sem dúvida, uma forma de resistência que se junta à própria significação das árvores. Árvores do Sul; árvores banais, quaisquer; árvores que a voracidade do lucro queima regularmente; árvores que não se deixam quebrar perante os bombardeamentos genocidas em Gaza. Árvores que são ruínas de um outro tempo. E, no entanto, não esqueceremos Benjamin quando nos avisa que as ruínas transportam sempre consigo algo de novo.

Quase não existem árvores em Gaza. A paisagem da destruição, obliterou a natureza. Os escombros tudo apagaram. As pessoas, os animais, as árvores, as flores. E, mesmo assim, não conseguiram apagar a esperança. No meio dos escombros começam a nascer plantas, no meio dos campos de refugiados, por entre as suas tendas precárias, começam a surgir pequenas hortas. As árvores voltarão a aparecer. São estas as árvores do José Paiva. Nada têm a ver com a neutralidade anestesiada, são, antes, alegorias de uma realidade por vir.

Os dois grandes desenhos, bem como os inúmeros pequenos que nos mostra, fruto de um demorado e laborioso processo são um bom exemplo da capacidade resistente que a materialização de uma obra possui em tempo de desmaterializações várias. Tudo aqui é obsoleto. O suporte, apenas papel; o medium, apenas uma simples esferográfica; o resultado, uma imagem que quer representar a realidade e, no entanto, carregada de “defeitos”. É, certamente, por todos estes elementos, que vale a pena observá-los com atenção, deixarmo-nos imergir neles. A obsolescência que carregam coloca-os numa posição privilegiada: aquela que possibilita a distância crítica. O obsoleto, tantas vezes interpretado como uma forma de passado, encontra-se bem longe dessa condição temporal. O obsoleto pertence ao presente, é um ente que faz acto de presença, mas não corporiza nem representa a oficialização dessa mesma temporalidade. Apenas convive com ele...em forma crítica. Daí o prazer de se deixarem ver expondo todos os “defeitos” que advêm

da manualidade que os constrói e que, assim, se opõe à racionalização algorítmica em busca da perfeição absoluta das imagens. Os seus defeitos são testemunhos de verdade. Aqui não existem falsidade nem enganos propositados. Os defeitos que os desenhos mostram são a corporização da vida como ela é. Cheia de defeitos e falhas. Somos assim. Imprevísiveis, a tentar viver entre acidententes, acasos e remendos aqui e ali. Somos assim. Por isso, os desenhos do José Paiva são, também eles, manifestações de vida.

Da vida que é água, da vida que a água armazenada no enorme embondeiro contém como reser-vatório natural. A árvore que o José Paiva nos mostra, mostra-nos a nossa condição do presente. As ameaças aos maiores reservatórios de água. O grande desenho remete para a gigantesca ilha cober-ta de gelo e sob ameaça da cobiça imperial do capitalismo. Conduz-nos directamente a Gaza onde a ocupação sionista recusa água à população. Crianças morrem diariamente com problemas relacio-nados com a falta de água. O neoliberalismo parece cego relativamente à sua ambição de lucro, mas surdo sobre os perigos que produz.

Finalmente, uma nota sobre uma memória que esta exposição nos traz. O gesto solidário (hoje tão distante) de Félix González-Torres que, ao invés de centrar toda a actividade no acto da venda, optou desde o seu início por oferecer obras aos visitantes das suas exposições. A memória é um dos mecanismos decisivos do nosso presente e o Paiva traz-nos a sua visão, à qual acrescenta a dimensão histórica necessária para nos acompanhar no futuro.

Escrevi há tempos num desenho uma frase: não há opções neutras.

O Paiva corporiza, nesta exposição, todo o amplo significado desta afirmação.

Que diferença que faz.

Fernando José Pereira

artista plástico / investigador I2ADS